



***A Lectura super Apocalipsim* de Pedro João Olivi**  
**The *Lectura super Apocalipsim* of Peter John Olivi**

Márcio Paulo CENCI<sup>1</sup>

**Resumo:** A *Lectura super Apocalipsim* (1297) de Pedro João Olivi é uma das principais obras de filosofia e teologia da história do século XIII, com forte influência no início do XIV. Pretende-se aqui indicar as pressuposições, alguns temas e as influências principais da interpretação de Olivi. Além disso, discute-se de modo mais focado o tópico acerca da função escatológica de Francisco, como o Anjo do Sexto Selo a partir do princípio de concordância de sua vida com a vida de Cristo.

**Abstract:** The *Lectura super Apocalipsim* (1297) of Peter John Olivi is one of more important books of Philosophy and Theology of History at 13th century, and have made very much influence at the begins 14th century. Here are the indications, presuppositions, some matters and the influences of that interpretation's Olivi. Further, with more attention the topic on the scatological function of Francis of Assisi, as the Angle of the sixth seal, from a concordance principle of the life of him with the life of Christ.

**Palavras-chave:** Pedro João Olivi – Pensamento Franciscano – Apocalipse – Escatologia – Hermenêutica.

**Keywords:** Peter John Olivi – Franciscan Thought – Revelation – Eschatology – Hermeneutics.

Recebido em 01.04.2012

Aceito em 14.05.2012

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), apoio Capes-Prosop. Professor do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS. *E-mail:* [mpcenci@gmail.com](mailto:mpcenci@gmail.com)

## I. Pressuposições

Neste trabalho pretende-se fazer algumas considerações, muitas de teor provisório acerca da filosofia e da teologia da história de Pedro João Olivi (1248-1298). O autor em questão é uma figura marcante e de muita repercussão na Cristandade do sec. XIII e XIV e na Ordem Franciscana em específico.<sup>2</sup> Segundo Lewis,<sup>3</sup> ele é parte que forma o que pode ser considerada a “terceira força do Cristianismo” (além do catolicismo e protestantismo) como os “radicais” que lêem no livro do Apocalipse e na escatologia cristã as marcas da esperança e da história. Sobre esse tema, a obra mais importante de Olivi é a *Postilla* ou *Lectura super Apocalypsim*<sup>4</sup> (doravante L.S.A.), finalizada em 1297, menos de um ano antes de sua morte.

Esta é a obra mais complexa e completa que ele escreveu sobre a significação teológica e filosófica da história do passado, presente e acerca do futuro,<sup>5</sup> em que estabelece uma trama interpretativa que tem como base a Sagrada Escritura, os textos de Joaquim de Fiore, de São Boaventura e de Ricardo de São Vitor, a vida de Francisco, da Ordem Franciscana e uma audaciosa e incisiva análise de seu tempo para oferecer uma interpretação e sentido à história da Igreja e do mundo.

---

<sup>2</sup> Acerca da história e das tribulações de Olivi tanto associadas à Ordem Franciscana, quanto às decisões eclesiais a respeito de sua obra, ver BURR, David. *L’histoire de Pierre Olivi*. Paris: Editions Universitaires de Fribourg-Cerf, 1997.

<sup>3</sup> Sobre esse tema ver o instrutivo artigo de LEWIS, Warren. *Peter John Olivi. Author of the lectura super apocalypsim: was he heretical?* In: PIRON, Sylvain; BOUREAU, Alain. *Peirre de Jean Olivi (1248-1298). Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société*. Paris: Vrin, 1999, p. 136ss.

<sup>4</sup> A transcrição utilizada para este trabalho foi feita a partir do ms. lat. 713 da Biblioteca Nacional de Paris. Este é provavelmente o manuscrito mais antigo e que esteve nas mãos dos censores entre os anos de 1318-19. Mesmo que esta transcrição não se caracterize como uma edição crítica, foi a que tivemos a nosso dispor, e da qual reproduzimos a paginação (indicada por L.S.A., f. n.). No uso que fizemos neste artigo reproduzimos exatamente o texto que está disponível *online*, acessado em: <http://www.danteolivi.com/Metamorfosi/pdf/Lectura%20super%20Apocalypsim.pdf>. O *site* e o texto são de responsabilidade editorial de Alberto Forni que disponibiliza a transcrição junto a um estudo prévio importante. A transcrição foi feita por Paolo Vian. Contudo, uma edição crítica da L.S.A., que não tivemos acesso, foi feita por LEWIS, Warren. *Peter John Olivi: Prophet of the year 2000: ecclesiology and eschatology in the Lectura super Apocalypsim*. Introduction to a critical edition of the text (Vol. 1, 2 and 3). Diss. Tubingen: 1972. Entretanto ainda não temos notícia de sua publicação efetiva. Pode-se conferir alguns comentários sobre esta edição em LEWIS, *Peter John Olivi, author of the Lectura super Apocalypsim: was he heretical?* In: *cit.*, p. 135-136.

<sup>5</sup> Cf. BURR, *cit.*, 1997, p. 41.

Além disso, embora a L.S.A. seja a principal obra de teologia da história, Olivi transparece suas convicções em diversos outros textos, v. g., *Tratado sobre as sete tentações*, o *Comentário à regra dos irmãos menores*, a *Carta aos filhos de Carlos II*, entre outros fragmentos.<sup>6</sup> Segundo Burr,<sup>7</sup> nessas obras aparecem os temas que Olivi se ocupava desde as *Questões sobre as Sentenças*,<sup>8</sup> mas dando em sua última obra a elaboração mais rica em detalhes dos movimentos e sentidos da história. Contudo, a L.S.A. teve uma ampla e relevante recepção principalmente por grupos populares de espiritualidade milenarista e messiânica. Justamente esse foi o texto de Olivi condenado após sua morte, aos 08 de fevereiro de 1326 em Avignon, sob o papado de João XII, por ser a suposta fonte de inspiração dos erros professados pelos Espirituais Franciscanos e pelos Beguinos, principalmente da Provença.<sup>9</sup>

Olivi recebe influência de uma tradição popular próxima relativa ao encontro da tradição joaquimita com a espiritualidade franciscana entre 1230 e 1240.<sup>10</sup> De fato, no século XIII, a interpretação apocalíptica da história se torna um fenômeno religioso de massa. Ruiz esclarece:

---

<sup>6</sup> Cf. RUIZ, Carlos Mateo. *Pedro de Juan Olivi: opúsculos*. Córdoba: Ed. de la Universidad Católica de Córdoba, 2005, p. 31.

<sup>7</sup> BURR, *cit.*, 1997, especialmente os capítulos *La marche de l'histoire* e *Imperatifs d'ordre intellectuels*.

<sup>8</sup> As *Questões sobre o Segundo Livro das Sentenças* estão editadas em: OLIVI, Petrus Iohannis. *Quaestiones in secundum Librum Sententiarum*. Vols. I, II, III. Editado por Bernardus Jansen. Roma: Quaracchi - Collegium S. Bonaventurae, 1922–26.

<sup>9</sup> Ver a introdução de RUIZ, *cit.*, pp. 09-42. Uma documentação bastante interessante do contexto histórico aparece em BURR, David. *The Spiritual Franciscans: From Protest to Persecution in the Century after Saint Francis*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001. Pode-se também ver em SOUZA, José Antônio de C. R. de. *Pedro de João Olivi (1248-1298) e suas concepções a respeito da História e da Cristandade*. In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: v. 10, n. 05, set./out. de 2000, p. 991-1000, especialmente. Cf. também FALBEL, Nachman. *Os espirituais franciscanos*. São Paulo: EDUSP, 1995, p.175 (em específico) e o capítulo 07 para entender a relação entre o Papa João XXII e os grupos dos Espirituais Franciscanos. Ainda: LEWIS, *cit.*, p. 153ss, capítulo *The historical good uses of Heresy*.

<sup>10</sup> Alguma informação sobre este ponto em: SOUZA, J. A. *cit.*, p. 987-990; RUIZ, *cit.*, p. 32. Além disso, ver ROSSATTO, N. D. *Hermenêutica e leitura da história em Joaquim de Fiore, Veritas*. Porto Alegre, v.43, n. 3, 1998, p. 513-523, em especial as indicações em 1.1 sob título *Polêmico no século XIII*. LEWIS, *cit.*, p. 147, discute as críticas de falhas interpretativas dos censores, como uma onda de opressão injustificada contra a interpretação de Olivi, pela admissão do método joaquimita, e pela dificuldade dos censores, por assumirem as teses agostinianas, de apresentarem uma interpretação coerente de algumas passagens do Apocalipse.

(...) trata-se de uma Igreja cujo sentimento está visivelmente marcado pelo regresso definitivo de Cristo. Além das interpretações eruditas dos teólogos, de fato, a vida do cristão do século XIII está marcada, determinada, por uma tensão escatológica que nós, praticamente, perdemos. Não se trata tanto de crer ou sentir a eminência do fim dos tempos, mas do palpitar de sua importância, seu sentido e sua verdade.<sup>11</sup>

Daí que Olivi é um dos pensadores que faz a síntese dessa tensão apresentando uma visão da história humana, do mundo e da Igreja em sua L.S.A..

Olivi assume como procedimento interpretativo a chamada hermenêutica concordista<sup>12</sup> de Joaquim de Fiore.<sup>13</sup> Ele pode ser considerado o principal e mais significativo interprete da L.S.A. dentro da tradição joaquimita, em sua primeira onda.<sup>14</sup> A sua filiação fica clara ao assumir algumas teses, como a da primazia da leitura literal, em seu *sensus principalis*<sup>15</sup> que se entende Olivi como próximo a um sentido espiritual donde ele extrai consequências, mesmo que com alto grau de independência, semelhantes das joaquimitas.<sup>16</sup>

Outra importante marca de inspiração joaquimita de sua interpretação da história é a tese de que a plenitude dos tempos dar-se-á em um futuro

---

<sup>11</sup> RUIZ, *cit.*, p. 32.

<sup>12</sup> Cf. ROSSATTO, *cit.*, 1998, p. 518, no capítulo sobre os aspectos formais do método concordista. Também SOUZA, *cit.*, p. 987-989.

<sup>13</sup> Olivi assume explicitamente as consequências da visão da história tripartida nas Idades do Pai, Filho e Espírito Santo de Joaquim de Fiore, e isso o distingue de um conjunto de outros comentadores da mesma época. É sintomático que Olivi cita 140 vezes a Joaquim de Fiore, em detrimento de outros comentadores do apocalipse que o omitiam ou citavam-no em trechos pouco comprometedores. Cf. BURR, David. *Mendicant Readings of the Apocalypse*. In: EMMERSON, Richard K.; MCGINN, Bernard. *The Apocalypse in the Middle Ages*. New York: Cornell University Press, 1992, p. 95.

<sup>14</sup> Cf. LEWIS, *cit.*, p. 136 e 148.

<sup>15</sup> Cf. *ibid.*, p. 146-9. Ele mostra que, evidentemente, a L.S.A. não pode ser avaliada dentro dos padrões de exegese e hermenêutica modernos ou científicos. Sabe-se hoje, v.g., que o Apocalipse de João não é um livro sobre a Ordem Franciscana e Francisco de Assis, em específico.

<sup>16</sup> Cf. em especial o verbete *Revelation, Book of*, no subcapítulo *Apocalypse as history*, de ARAN, Francesca A. *Revelation, Book of*. In: VANHOOZER, Kevin J. (ed.); Craig G. Batholomew; Daniel J. Treier; Nicholas T. Wright (eds. ass.). *Dictionary for theological interpretation of the Bible*. London: Baker Book House Company, 2005, p. 680-687. Entretanto, FORNI, *cit.*, p. 179-182, mostra a independência de Olivi na interpretação de várias passagens do Apocalipse.

próximo no qual se realizará a felicidade plena, opondo-se radicalmente à visão agostiniana da decrepitude na história.<sup>17</sup>

Entretanto, a chave interpretativa de sua poderosa exegese<sup>18</sup> da L.S.A. é a sua original e inovadora afirmação que toda a atividade racional, para determinar o sentido da vida humana no presente e na história, está radicada na *vida terrena de Jesus* expressa na letra, sem glosa, do Evangelho. “Olivi encontrou, na vida terrena de Jesus, em sua experiência pessoal e em seu destino, a chave para compreender o desenvolvimento histórico e meta-histórico do Reino de Deus, de suas maiores possibilidades e piores obstáculos.”<sup>19</sup> Daí que, em Olivi, evidencia-se a centralidade de Cristo, por influência direta de Boaventura,<sup>20</sup> em sua plenitude, a saber, no caráter mediador da Trindade, mas também o que é especial de Olivi, em sua vida terrena, como chave para determinar o sentido da história.<sup>21</sup> Ademais, essa chave exegética ou esse eixo interpretativo somente é suficientemente completo na dependência de três pilares: (i) o conhecimento da Escritura, (ii) o conhecimento de Jesus e (iii) o conhecimento da História.<sup>22</sup>

O conhecimento da Escritura deve ser entendido como a fonte de compreensão, forma ou exemplar de toda ciência e fim de toda a ciência.<sup>23</sup>

---

<sup>17</sup> Cf. ROSSATTO, *cit.*, 1998, em especial a parte final do artigo. Também RUIZ, *cit.*, p. 32-33.

<sup>18</sup> Olivi é considerado junto a Alberto Magno, Boaventura de Bagnoreggio e Tomás de Aquino um dos grandes exegetas medievais do século XIII, isso porque, ele comentou quase todos os textos bíblicos, mesmo os que não eram “exigidos” pelos padrões acadêmicos de sua época. Segundo, porque seu interesse não estava restrito ou direcionado somente ao frades ou a universidade mas estava direcionado aos leigos em geral, a saber, a todos os que pretendiam ser considerados cristãos. Cf. RUIZ, *cit.*, pp. 24-25.

<sup>19</sup> RUIZ, *cit.*, p. 24.

<sup>20</sup> De fato, Olivi sofreu muita influência intelectual de S. Boaventura. Ver VIAN, *Scritti Scelti*, *cit.*

<sup>21</sup> Sobre a consideração de que em Olivi há uma forte impositação cristocêntrica e uma forte sensibilidade pela história, cf. VIAN, Paolo. *L'opera esegetica di Pietro di Giovanni Olivi*. In: *Archivum Franciscanum Historicum*, n. 91, 1998, p. 423-25. E também: VIAN, Pierre Jean Olivi, *cit.*, que detalha a influência intelectual de Boaventura sobre Olivi. Outro trabalho fundamental para este tema: RATZINGER, Joseph. *San Bonaventura. La teologia della storia*. Ed. italiana a cura di L. Mauro. Assis: S. Maria degli Angeli, 2008, pp. 154-157, especialmente acerca da função mediadora de Cristo.

<sup>22</sup> Neste ponto sou diretamente devedor de RUIZ, *cit.*, p. 09-42.

<sup>23</sup> “Ratione vero suae fructositatis est omnis scientiae finale complementum. Ipsa enim est principium omnis scientiae et comprehensiva omnis scientiae et forma seu exemplar omnis scientiae et finis omnis scientiae”. Do capítulo *De causis Scripturae* de OLIVI, P. J. *On the Bible. Principia quinque in Sacram Scripturam. Postilla in Isaiam et in I ad Corinthios*. Ed. D. Flood,

Esse conhecimento pode ser *encontrado* a partir de sua implicação com a hermenêutica concordista, a saber, a *concordia litterae* entre o Antigo e Novo testamentos com a história humana, tomando como centro motor da interpretação a vida terrena de Cristo. Acrescenta-se a esse modelo concordista também a experiência de Francisco com o Evangelho, representada na sua forma de vida e escrita na sua Regra. Pois, o Evangelho tomado tal como foi por Francisco, em sua literalidade extrema, é o modelo, e a própria confirmação de que todo frade menor (e todo cristão) pode e deve assumi-lo para si e sem glosa.<sup>24</sup>

Esse ‘pilar’ sustenta que a resposta em torno do sentido da história está configurado pela concordância da letra da Escritura e a sua realização na vida humana, que foi primeiro apresentada e iniciada por Cristo, e depois, renovada em Francisco. A Escritura é o elemento de mediação entre a história humana e os desígnios divinos. Entretanto, quanto mais próximo da consumação da história, menos será necessária a Escritura, pois será possível aos homens terem uma experiência sensorial direta de Deus.<sup>25</sup>

O segundo pilar, referente ao conhecimento de Cristo em sua humanidade e a vida terrena, a saber, na liberdade, vontade, e consciência, seria configurado na interioridade humana de Jesus.<sup>26</sup> A cristologia de Olivi tem como ponto de partida a asserção fundamental que Cristo assumiu todas as conseqüências de sua humanidade, mesmo a sua finalidade de ser o salvador. Portanto, ainda que pudesse evitar ser o salvador, não o fez por uma escolha livre e por amor. Assim que a salvação não é somente uma remissão dos pecados, mas é a expressão mais elevada de um ato livre e de amor. A humanidade de Cristo, expressa no Evangelho, é o modelo que Francisco assumiu para si<sup>27</sup> e, pelo seu exemplo, pode-se alcançar compreender o sentido da história e a função dos homens, que é a de imitar o ato livre de amor de Cristo.

O conhecimento da história é o terceiro pilar necessário para estabelecer a compreensão do sentido da vida humana, do mundo e da Igreja. Nesse ponto, ele é inegavelmente devedor a Joaquim de Fiore. Primeiro, porque Olivi não aceita a tese agostiniana da decrepitude humana até o fim dos tempos.

---

G. Gál. New York: St. Bonaventure University, Franciscan Institute Publications, 1997, p. 44.

<sup>24</sup> RUIZ, *cit.*, p. 25.

<sup>25</sup> Cf. VIAN, *Pierre Jean Olivi, cit.*, 424-425. ROSSATTO, *cit.*, 2004, comenta que essa posição já está em Joaquim de Fiore. Aqui não poderemos discutir esse ponto.

<sup>26</sup> RUIZ, *cit.*, p. 29.

<sup>27</sup> Cf. *Testamento*. In: *FONTES Franciscanas e Clarianas*. São Paulo: Ed. Vozes, 2004, p. 188-191.

Segundo, pela divisão da história do mundo em três idades, que veremos adiante. Terceiro, ele estabelece uma leitura esperançosa da história, em que há um aumento de conhecimento e iluminação,<sup>28</sup> marcada por um futuro em que ocorrerá a plenitude da felicidade e da vida dos homens em comunhão com Deus. Ruiz expressa bem esta ideia: “O melhor da igreja está por vir, o melhor da história está por vir, o melhor dos homens está por vir.”<sup>29</sup>

Portanto, a história do mundo e o que está por vir têm um sentido que pode ser encontrado nas ações humanas que concordam com a Escritura, com a vida de Cristo expressa no Evangelho.

## II. Estados e tempos do Mundo e da Igreja

Em Olivi, fica evidente a predominância do modelo joaquimita ao dividir a história em três idades, a saber, a do Pai, do Filho e do Espírito Santo.<sup>30</sup> Porém utiliza também a subdivisão em sete estados, ou ainda faz referência às idades dos homens, associando o primeiro estado à Igreja, ou mesmo faz analogia ao dia - manhã, tarde e noite -, de possível inspiração agostiniana, embora sem considerar as conclusões associadas ao ocaso e à decadência. Assim, ele estabelece um entrecruzamento de esquemas de classificação e de interpretação da história do mundo e da Igreja.

Nas *Treze indicações (Notabilia)*, que formam o *Proêmio* de sua L.S.A., Olivi apresenta as categorias fundamentais de sua exegese.<sup>31</sup> Faremos abaixo uma apresentação somente indicativa dessas categorias junto à periodização que Olivi propõe, entretanto, o ponto de maior interesse aqui é a passagem do final do quinto, o sexto e a passagem para o sétimo estado da Igreja. Os sete primeiros estados do Antigo Testamento são correspondentes aos cinco primeiros dias da “semana do mundo”, ocorrem na idade do Pai, sob a lei da natureza e da Escritura. Os sete estados da Igreja (*septem status ecclesiae*<sup>32</sup>) correspondem ao sexto dia, às idades do Filho e do Espírito Santo e estão regidos pela lei da graça.

O primeiro estado da Igreja inicia com a pregação de Cristo, e é associado por Olivi à idade da infância e ao sacramento do batismo, e tinha como animal o Leão, que representa o sentido alegórico. O segundo corresponde à

---

<sup>28</sup> Cf. FORNI, *cit.*, p. 85-86.

<sup>29</sup> RUIZ, *cit.*, p. 35.

<sup>30</sup> BARR, *cit.*, 1997, p. 43. *De perfectione evangelicae, cit.*, q. 8, p. 193-194.

<sup>31</sup> Um apresentação detalhada desse ponto pode-se ver em FORNI, *cit.*, p. 87ss.

<sup>32</sup> L.S.A., f. 2 vb.

perseguição da Igreja pelo imperador Nero, ou mesmo do martírio de Estevão,<sup>33</sup> ou também a paixão de Cristo. Esta era do martírio estava associada à pré-adolescência humana e o sacramento da confirmação. O animal deste estado é o Boi, que representa o sentido histórico. O terceiro estado começa com a conversão de Constantino, ou no tempo do Papa Silvestre, ou na época do Concílio de Nicéia contra a heresia dos arianos. Está associado à adolescência humana pela sua vivacidade, e está representado pelo sentido moral cujo animal é o homem. O quarto inicia no tempo de Antônio, o Anacoreta, ou no tempo de Paulo, o primeiro Heremita, durante o império de Justiniano.<sup>34</sup>

Este estado é a representação da maturidade humana, com a águia que representa o sentido anagógico. O quinto estado inicia no tempo de Carlos Magno. Este estado seria marcado por atitude de expansão do cristianismo de modo que poderia ser considerado como um *principio pulchritudinis*, por estar se aproximando da unidade da Igreja enlaçada pela *charitas*. O quinto estado é a sede divina sustentada pelos quatro animais dos estados anteriores. Esta sede é a sede de Pedro.<sup>35</sup>

Contudo, essa época é seguida por uma profunda *condescencio*, a saber, algo como a decadência da Igreja, que depois será associada por Olivi à meretriz babilônica. Diz Forni, “tanta beleza inicial degenera no pior laxismo e corrupção.”<sup>36</sup> O quinto estado está associado à velhice humana, sob o sacramento da penitência. O sexto estado é o mais importante pois está marcado pela imitação de Cristo e possui quatro eventos de início:<sup>37</sup> (i) a revelação profética de Joaquim de Fiore,<sup>38</sup> (ii) a conversão de Francisco (em

---

<sup>33</sup> Atos 7, 55-60.

<sup>34</sup> Neste ponto Olivi faz referência a Joaquim e cita que no *Decimo notabile* tratará mais amplamente do tema.

<sup>35</sup> L.S.A., f. 57rb: “Dicit ergo (Ap 4, 2): ‘Et ecce sedes posita erat in celo, et supra sedem sedens’, scilicet erat. Deus enim Pater apparebat ei quasi sub specie regis sedentis super solium. Per hanc autem sedem significatur primo altissima stabilitas essentie Dei, in qua et per quam Deus maiestative existit. Secundo quelibet mens sancta et precipue perfecta, inter quas prima est Christi mater. Tertio suprema angelorum hierarchia, cuius ordo tertius vocatur troni vel sedes, et de secundo ordine dicitur in Psalmo (Ps 79, 2; 98, 1): ‘Qui sedes super cherubin’, et idem monstratur Ezechielis capitulo primo et decimo (Ez 1, 26; 10, 1). Tota etiam ecclesia triumphans et tota ecclesia militans sunt sedes Dei. Quelibet etiam metropolitana ecclesia et precipue illa que est caput omnium, scilicet romana, dicitur sedes Dei.” Cf. comentário de FORNI, *cit.*, p. 93.

<sup>36</sup> FORNI, *cit.*, p. 94.

<sup>37</sup> Cf. L.S.A., f. 81va - 82rb.

<sup>38</sup> Na L.S.A. f. 132ra, consta: “Notandum autem quod Ioachim totum librum suum Concordie veteris et novi testamenti fundavit super numero hic posito. (...) Nichil enim



1206) e sua vida e Regra evangélicas, (iii) a predicação dos Espirituais e a definitiva superação do quinto estado, eliminando os resquícios da Igreja Carnal Babilônica. E (iv) Francisco deve iniciar (*debet incipere*) a danação da “Grande Meretriz da Babilônia”.<sup>39</sup> Por fim o Sétimo estado inicia com a morte do Anticristo que chamaria a si de Deus e que seria considerado o messias dos Judeus, e este é o início do Juízo.<sup>40</sup> É importante observar que Olivi crê viver no penúltimo momento do sexto estado e que o sétimo estado não tardará.<sup>41</sup> Portanto, ele como interprete está numa posição privilegiada, dado que está vivendo uma etapa final da história e, por isso, pode interpretá-la de modo mais próximo ao sentido principal do texto do Apocalipse.

Cada época é marcada por um tipo de ocorrência de maior proeminência. Aqui vamos enfatizar o quinto e o sexto estados que são tomados como base para entender a originalidade de Olivi e a sua interpretação da função de Francisco e da Ordem. O elemento singular de maior proeminência do quinto estado é a ira contra a vida conventual e contemplativa. No sexto estado, há a proeminência da *reforma* da Igreja conforme Cristo, ou seja, conforme o Evangelho, e se realiza a *charitatis*. E no sétimo estado haverá a glória que se consumará na felicidade plena.<sup>42</sup>

O esquema que interessa a Olivi, na posição de Burr,<sup>43</sup> por primeiro, é consonante com a Escritura, ou seja, não é somente um resultado da sabedoria ‘deste mundo’ ou de ‘filosofia pagã’. Segundo, ele serve como uma chave conceitual pela qual se pode encontrar os sentidos da Escritura e de sua mensagem sobre a história humana. Para entender isso se deve considerar que no final das *Treze indicações (Notabilia)* que compõem o sumário à sua L.S.A., Olivi diz:

---

aliud nos intimasse credimus, nisi hoc quod sonat versiculus iste: *‘in tempus et tempora et dimidium temporis omnium istorum mirabilium esse finem’*. Quia sicut iam per multas vices nos dixisse meminimus, in hiis quadraginta duabus generationibus septem signacula continentur, nichilque aliud est dicere ‘in tempus et tempora et dimidium temporis’ complebuntur quam illud quod, sub sexto angelo tuba canente, alter angelus aut forte unus et idem ait: ‘tempus iam non erit amplius, sed in voce septimi angeli, cum ceperit tuba canere’ (Ap 10, 6-7) [grifo nosso]. Ele continua esse trecho fazendo a reconstrução da interpretação de Joaquim de Fiore, mas no final, ele acrescenta as referências históricas associadas à perseguição às ordens mendicantes, Franciscana em especial, e o surgimento de Francisco como base para a decisão sobre quando iniciaria o sexto estado. Cf. FORNI, *cit.*, p. 109-115.

<sup>39</sup> L.S.A. f. 3ra.

<sup>40</sup> Cf. L.S.A. f. 2vb-3ra.

<sup>41</sup> Cf. LEWIS, *cit.*, pp. 141-2.

<sup>42</sup> L.S.A. f. 3rb.

<sup>43</sup> Cf. BURR, *cit.*, 1997, capítulo *La marche de l’histoire*, p. 43-44.

His igitur summarie prenotatis, accedamus ad textum, invocantes Ihesum verum et summum lumen, ut illuminet ad intelligendum et exponendum solarem et multiformem sapientiam libri huius.

Portanto, a partir deste sumário antes apresentado, nos voltemos ao texto (do Apocalipse), invocando a Jesus, verdadeira e suma luz, que ilumine para a compreensão e exposição da sabedoria solar (*solarem*) e multiforme de seu livro.<sup>44</sup>

Essa é uma importante diretriz que mostra a impossibilidade de fazer uma leitura que seja linear e unívoca das passagens do Livro do Apocalipse de João. Primeiro, porque é uma sabedoria *solar*, à qual não se pode ver completamente sem ficar com a visão ofuscada justamente porque é a fonte de toda a luz. Segundo, o livro contém uma sabedoria *multiforme*, a saber, que se ajusta a variadas situações e, poderíamos dizer, a gêneros de ações e ofícios distintos na totalidade da história. Assim, se a sabedoria deste livro é multiforme, fica evidente que assume a interpretação dos tempos e estados, ao determinar a *sapientia*, isto é, o sentido de e em cada tempo. Por isso, a técnica exegética utilizada por Olivi implica na aplicação das passagens da Escritura, sob a cláusula da concordância de determinadas passagens com determinados estados, a fim de interpretar todos os estados, mesmo que independentemente do tempo ou idade.<sup>45</sup>

Este é que se pode chamar de princípio de concordância múltipla entre os fatos históricos e a Escritura.<sup>46</sup> Esse princípio explica por que a sua interpretação do Apocalipse oferecerá as condições para uma compreensão da história em sua totalidade. “Olivi estabelece uma fecunda e original relação entre a exegese e a história, convencido de que a interpretação da Bíblia incrementa as suas possibilidades à medida que se modifica o ponto de observação do interprete e o tempo que se aproxima de sua consumação final”.<sup>47</sup>

Esse ponto indicado por Ruiz<sup>48</sup> é fundamental, pois a interpretação irá variar dependendo da perspectiva de observação, v.g., Joaquim de Fiore, obviamente não poderia ter interpretado a função de Francisco, dado que ele e sua Ordem são posteriores, mas Olivi vê a vinda de Francisco e de sua Ordem, como profundamente em concordância com a Escritura. Burr faz uma bela analogia

---

<sup>44</sup> L.S.A., f. 21va-21vb

<sup>45</sup> BURR, *cit.*, 1997, p. 43-44.

<sup>46</sup> Cf. FORNI, *cit.*, p. 115-6.

<sup>47</sup> RUIZ, *cit.*, p. 27.

<sup>48</sup> *Ibid.*

ao dizer que, para Olivi, a “(...) história humana assemelha-se a uma partitura musical cuidadosamente escrita; esta história é construída a partir de uma série de temas que aparecem sob uma riqueza de contrapontos com variações praticamente inesgotáveis.”<sup>49</sup>

Olivi não assume que há uma grande dificuldade em estabelecer as distinções estanques tomando como parâmetro o tempo cronológico. Os estados e os tempos não podem ser demarcados sob uma mesma cronologia, pois dependem muito mais do gênero das atitudes e atividades humanas (*dona et officia*) efetivadas que dos registros cronológicos independentes da vontade e graça. É possível, portanto, que num mesmo tempo cronológico haja dois estados *concorrentes*, mas cada um referenciado em um diferente gênero de atividades.<sup>50</sup> Esse é o chamado princípio da concorrência entre os estados, como uma das teses principais da teologia da história de Olivi.<sup>51</sup>

Esse princípio depende da distinção entre *status* e *tempus*.<sup>52</sup> E justifica a ideia anterior de que as passagens podem variar de interpretação em dependência das ações, ocorrências e observadores. Olivi define: “... per status intelligantur eorum dona et officia, tunc in quolibet tempore concurrunt omnes etiam aliquando in una persona.” (Por estado se compreende aquele que se refere aos dons e ofícios, que assim concorrem em qualquer tempo em todos, mas as vezes em uma pessoa).<sup>53</sup> Ele usa o caso de Pedro, como a ocorrência de vários estados na vida de uma pessoa, pois ele foi pastor, mártir doutor, profeta, teve vida solitária e austera, e por vezes, caiu em pecado.<sup>54</sup>

Um estado não está restrito a mera sucessão cronológica. Mas a alteração de um estado a outro deve considerar a conexão ou a concorrência no mesmo tempo cronológico com os dons do Espírito Santo e os ofícios que se revelam nas ações humanas<sup>55</sup>.

(...) status ad invicem per certam propriorum donorum et officiorum preeminentiam ac multitudinis personarum in ipsis concurrentium distinguuntur, sic concurrunt tertius cum quarto non quidem in eodem statu sed in eodem tempore.

---

<sup>49</sup> BURR, *cit.*, 1997, p. 44.

<sup>50</sup> BURR, *cit.*, 1997, p. 45.

<sup>51</sup> FORNI, *cit.*, p. 89.

<sup>52</sup> cf. *Decimum notabile*, L.S.A., f. 14va- 16ra.

<sup>53</sup> L.S.A., f. 14 va.

<sup>54</sup> “Unde Petrus fuit pastor et mártir et doctor et evangelice vite professor et sepe solitarius et austerus e plerumque condescencivus.” L.S.A., f. 14va.

<sup>55</sup> FORNI, *cit.*, p. 89.

(...) os estados se distinguem entre si por certa proeminência de dons e ofícios que concorrem na multidão das pessoas, assim concorre o terceiro com o quarto, não enquanto estão no mesmo estado, mas no mesmo tempo.<sup>56</sup>

Evidencia-se que, em Olivi, o princípio da concorrência dos estados não é mera sobreposição, mas a ocorrência de dois movimentos distintos, marcados por dons e ofícios diferenciados no mesmo tempo cronológico. A proeminência desses dons e ofícios não se dá relativa ao tempo, é um misto que depende da ação humana junto à graça, que determina a passagem de um estado para outro. A demarcação cronológica, e isso parece claro em Olivi, tem menos validade e importância do que conhecer os signos que a sociedade humana oferece para interpretar a que estado se refere sob a iluminação concordante à Escritura.

Olivi oferece outros casos de concorrência de estados, como, v.g., o martírio que pode ser proeminente no segundo e no sexto estados da Igreja.<sup>57</sup> No caso do segundo estado, o martírio foi realizado pelos pagãos e idólatras e, por isso, era evidente o pecado contra a vida evangélica. Contudo, no sexto estado, o martírio passa a ser realizado por hereges, que se revestem de cristãos e, por isso, a evidência se desfaz. O martírio continua mesmo que de modo diferenciado:

In sexto autem tempore non solum propulsabuntur martires per tormenta corporum, aut *per subtilitatem rationum philosophicarum*, aut per intorta testimonia scripturarum sanctarum, aut per simulationem sanctitatis ypocritarum, immo etiam per miracula a tortoribus facta.

No sexto tempo não somente os mártires serão enotados pelos sofrimentos corporais, como também, *ou pela sutileza dos raciocínios filosóficos*, ou pela deturpação dos testemunhos da Santa Escritura, ou pela simulação da santidade dos hipócritas, ou pelas monstruosidades realizadas pelas torturas. (grifo nosso).<sup>58</sup>

No sexto estado, o tema dos sofrimentos corporais é substituído pela dúvida na fé verdadeira, assim, ampliam-se e sofisticam-se os modos de martírio, que deixam de ser somente corporais e passam a ser também intelectuais. Isso justifica Olivi considerar “a sutileza dos raciocínios filosóficos” como um meio para realizar o martírio. Olivi coloca todos os seguidores de Aristóteles e Averróis, como seita do Anticristo, sob o mesmo plano dos detratores

---

<sup>56</sup> L.S.A., f. 14 va.

<sup>57</sup> L.S.A., f. 14 va.

<sup>58</sup> L.S.A., f. 14 vb.

heréticos do *usus pauper*.<sup>59</sup> Essa tese será entendida se considerarmos o que Olivi considera sobre a Filosofia, ao menos sob a relação com a fé. Olivi possui um breve tratado intitulado *De perlegendis philosophorum libri*<sup>60</sup> em que ele estabelece a distinção entre a sabedoria humana e divina a partir do que Ruiz chama de dialética paulina.<sup>61</sup> No tratado, a partir da análise da frase paulina “Deus transformou em estulta toda a sabedoria deste mundo”,<sup>62</sup> ele mostra que se deve atentar a quatro elementos da sabedoria humana: primeiro, há a falsidade do erro; segundo, a verdade da razão; terceiro, a vaidade da tradição e quarto, que a parcialidade e insuficiência da especulação.

---

<sup>59</sup> Na L.S.A., f. 105vb-106ra, consta: “Ultimo pro tertia igitur temptatione impugnativa vite et spiritus Christi et predisponente ad sectam magni Antichristi, est sciendum quod casus stelle de celo in terram habentis clavem putei abissi ipsumque aperientis (cfr. Ap 9, 1-2) est quorundam altiorum et doctiorum et novissimorum religiosorum casus in terrenas cupiditates et in mundanorum philosophorum scientias curiosas et in multis erroneas et periculosas. Acceperunt enim ingenium et clavem ad aperiendam et exponendam doctrinam Aristotelis et Averrois comentatoris eius et ad excogitandum profunda et voraginoso dogmata obscurantia solem christiane sapientie et evangelice vite et purum aere religiosi status ipsius, in tantum quod quidam eorum dicunt paupertatem altissimam non esse de substantia perfectionis eius et quod eius est habere sufficientiam aut saltem necessaria in communi; quidam vero quod usus pauper, id est altissime paupertatis secundum debitas circumstantias proportionatus, non est de substantia eius. Quidam etiam talia dogmata philosophica seu paganica suis theologis tractatibus inseruerunt, ut ex eis multi clerici Parisius philosophantes omnes articulos fidei reiecer[unt] preter [unita]tem Dei et solam philosophiam mundanam dixerint esse veram et humano regimini sufficientem. Dixeruntque mundum ab eterno fuisse et Deum per se et immediate nichil posse operari de novo, sed quicquid immediate potuit fecit necessario ab eterno. Ponuntque unum solum intellectum in omnibus hominibus et fere negant arbitrii libertatem.” Entretanto, a recepção ou entrada de Aristóteles é um tema bastante complexo para tratarmos aqui. Para isso pode-se ver DE BONI, L. A. *A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval*. Porto Alegre: Est Edições, 2010, principalmente os capítulos 05 e 06, sobre os problemas eclesiásticos e a posição de S. Boaventura.

<sup>60</sup> Dispomos de várias traduções desse opúsculo. Em português temos a tradução de DE BONI, Luiz Alberto, que se intitula *De como devem ser folheados os livros dos filósofos. Veritas*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, 2003. Além disso, há também um artigo que apresenta a relação de Olivi com a filosofia, cf. DE BONI, L. A. *Pedro de João Olivi: De como devem ser folheados os livros dos filósofos*. In: DE BONI, L. A.; PICH, R. H. *A recepção do pensamento greco-romano árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 537-552. Em espanhol, mais recente de RUIZ, Carlos Mateo. *Sobre os libros de los filósofos que han de leerse*. In: DE BONI; PICH, *cit.*, p. 229-239. Ele apresenta uma análise do verbo *perlegere*, que implicaria na leitura completa dos textos de filosofia, de modo que significa “*leer hasta el final, enteramente*”. Portanto, a atividade filosófica não pode ser considerada simplesmente como uma mera atividade vã, que deve ser considerada na sua completude para que não seja um instrumento de sofismas.

<sup>61</sup> RUIZ, *cit.*, p. 249.

<sup>62</sup> Cf. 1 Cor 1, 20.

Olivi faz a análise da função da filosofia pagã, do mundo, pretendendo estabelecer claramente e com toda crítica a especificidade de tal atividade, sobretudo, quanto à consideração da validade dos argumentos de autoridade. O caso que Olivi se debateu foi com a aceitação quase que compulsória de Aristóteles como o Filósofo e de todos seus argumentos sem revisão.<sup>63</sup> Ele ataca fortemente os argumentos por autoridade injustificada, principalmente no se refere a sua aplicação aos temas da fé. Pois, as ações irresponsáveis podem conduzir ao erro do raciocínio que produz sutilezas e paradoxos em temas de fé (causadoras do sofrimento do martírio no sexto estado).

Para ele a Filosofia “(...) deve ser lida de forma dominativa, e não servilmente.”<sup>64</sup> Portanto, o que Olivi propõe não é uma desvalorização da atividade intelectual,<sup>65</sup> mas confirma a necessidade de que ela seja responsável e coerente.

### III. Francisco: o anjo com o selo do Deus vivo

A época que mais interessa a Olivi, justamente porque ele parece estar convencido que é a sua: o sexto estado da Igreja que inicia no tempo de “Nosso Pai Seráfico Francisco”. Olivi está convencido que Francisco deve iniciar (*debet incipere*) a danação da Grande Meretriz da Babilônia. Ele declara que a Igreja Romana (Carnal, decadente do quinto estado), na medida em que se opõe a Francisco e à Regra, mostra-se como a Grande Meretriz Babilônica, ou a própria besta, que deverá ser destruída.<sup>66</sup> Isso ocorrerá “(...) quando o mencionado Anjo assinalado com o signo de Cristo mediante o qual marcará a futura milícia de Cristo” (quando prefatos angelus Christi signo signatus per suos significabit futuram militiam Christi).<sup>67</sup>

Por que Francisco tem essa função de ser o Anjo que carrega o signo para instituir a futura milícia de Cristo? Olivi é o seguidor mais coerente de São Boaventura na afirmação de que Francisco é o anjo que porta o selo do Deus vivo. Essa tradição era fortemente seguida pelos Espirituais italianos, como Ubertino de Casale, que assume quase literalmente essa posição.<sup>68</sup> Essa ideia é expressa no *Prólogo* da *Legenda maior* de São Boaventura, em que ele intitula a

---

<sup>63</sup> Ver a questão 27 em OLIVI, *Quaestiones in secundum Librum Sententiarum*, v. I, *cit.*, p. 479.

<sup>64</sup> OLIVI, Pedro João. *De como devem ser folheados os livros dos filósofos*, *cit.*, pp. 475-82.

<sup>65</sup> BURR, *cit.*, 1997, pp. 65-94, dedica um capítulo ao tema, a saber: *IV. Imperatifs d'ordre intellectuels*, em que detalha a relação entre Olivi e a atividade intelectual.

<sup>66</sup> LEWIS, *cit.*, p. 140.

<sup>67</sup> L. S. A., f. 3ra.

<sup>68</sup> RUIZ, *cit.*, p. 214

Francisco como o “Anjo da verdadeira *paç* (Is 33,7)”<sup>69</sup> e o assemelha à figura do Precursor João Batista como o que prepara “o caminho no deserto da altíssima pobreza”.<sup>70</sup> Assim, aqui já está clara a marca escatológica que associa Francisco à pobreza e, por isso, à vida evangélica. E em seguida mostra as fontes bíblicas em que

(...) comprova-se de maneira racional que ele veio *no espírito e poder de Elias* (Lc 1, 17) (...) ele foi prefigurado, não sem razão, com a semelhança do Anjo que sobe do oriente e que tem o selo do Deus vivo. Pois, à abertura do sexto selo, eu vi, diz João, um outro anjo subia do Oriente, trazendo o selo do Deus vivo (Ap 6, 12; 7, 2).<sup>71</sup>

Observa-se imediatamente a conjunção dos elementos apocalípticos “o anjo que sobe do oriente” e o que “tem o selo do Deus vivo” que serão pontos de interpretação em Olivi (que veremos adiante). Além disso, estão associadas a Francisco ao menos outra duas figuras escatológicas: João Batista e Elias. O trecho abaixo é fundamental para compreender a concordância a essas figuras e para determinar qual é a função de Francisco na história da salvação.

Sciendum etiam quod sicut sanctissimus pater noster Franciscus est post Christum et sub Christo primus et principalis fundator e initiator et exemplator sexto statis et evangelice regule eius, sic ipse post Christum designatur [f. 114 vb] primo per angelum istum. Unde et in huius signum in curru igneo apparuit transfiguratus in solem, ut monstraretur venisse in spiritu et imagine Helie (4Rg 2, 11)[sic] et simul cum hoc gerere perfectam imaginem veri solis, scilicet Christi.

Deve-se saber que nosso santíssimo pai Francisco é depois e abaixo de Cristo, o seu principal fundador e iniciador e exemplo do sexto estado e de sua regra evangélica, e assim ele, após Cristo, é designado primeiro por tal anjo [do sexto selo]. Onde e como sinal disto, apareceu transfigurado no carro de fogo no sol, como se mostrasse que levava consigo o espírito e a imagem de Elias e do mesmo modo para levar a imagem perfeita do verdadeiro sol, a saber, Cristo.<sup>72</sup>

Ao afirmar que Francisco é “o principal fundador e iniciador e exemplo do sexto estado e de sua regra evangélica”, Olivi aplica-se a resolver problemas escatológicos que podem colocar em questão a sua ortodoxia.<sup>73</sup> Sabe-se que o sexto estado se caracteriza pela reforma da Igreja conforme o Evangelho e é o

<sup>69</sup> SÃO BOAVENTURA, *Legenda Maior, cit.*, p. 551.

<sup>70</sup> *Ibid.*

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 551-552,

<sup>72</sup> L.S.A., f. 114vb-115ra.

<sup>73</sup> LEWIS, *cit.*, p. 141ss. Ele discute de modo detalhado em que sentido Olivi pode ser considerado herético em suas posições acerca do apocalipse e da escatologia da igreja.

estado onde se efetiva a *charitatis*<sup>74</sup>. Ele é o *fundador*, porque fundou a ordem minorita, que se sustentaria, desde sua origem, no seguimento literal do Evangelho.

É o *principal* porque Francisco iniciou a sua ordem, mas não é o único, dado que os outros freis que seguem a Regra literalmente também são signo da Igreja Espiritual.<sup>75</sup> Olivi considera a ordem minorita como os “eleitos” contra os quais o pseudo Cristo se levantará,<sup>76</sup> respeitando a passagem do *Espelho da perfeição*, em uma interpolação de Frei Leão ao escrever a Frei Conrado de Offida, repete as palavras que havia ouvido de Francisco. Basicamente, é a apresentação de uma visão que Francisco teve em que Cristo diz que estabeleceu a ordem dos menores como a Luz do mundo, sob a condição de que ela se mantenha tal como na sua fundação.<sup>77</sup> Portanto, que se mantenha observante à *Regra*. Esses observantes, como Francisco, são exemplos de vida evangélica.

Francisco também é o *iniciador*, pois foi o primeiro a converter-se, ou seja, a mudar de vida para conformar-se ao evangelho. Olivi ao ‘demonstrar’ que Francisco é o Anjo do Ap. 10,1-3, afirma ter ele em mãos o “livreto aberto do Evangelho”,

(...) id est in pleno opere et in plena possessione e potestate, ‘libellum’ evangelii Christi ‘apertum’, sicut patet ex regula quam servavit et scripsit et ex statu evangelico quem instituit.

---

<sup>74</sup> Falbel, *cit.*, pp. 135-136.

<sup>75</sup> Dentre os Espirituais, posteriores a Olivi, o descrédito do papado chegou ao ponto em que eles “(...) déclaraient ne pouvoir obéir au pape, ni à aucun mortel, en un sens qu’ils jugeraient contraire à leur vœu de vivre selon l’Évangile. Jean XXII n’avait tout simplement pas eu le pouvoir ou l’autorité de faire une constitution telle que *Quorundam exigit*, qui contredisait les conseils évangéliques.” Ver o § 5 de PIRON, Sylvain. *Michael Monachus: inquisitoris sententia contra combustos in Massilia, Olivina (En ligne)*, 2, 2006 (mis en ligne le 27 juin 2006, Consulté le 16 février 2012). URL : <http://oliviana.revues.org/index33.html>. Ver também a introdução de BARTOLI, Marco. *Olivi e il potere del Papa. In OLIVI, Petrus Iohannis. Quaestiones de romano pontifice*. Editado por Marco Bartoli. Grottaferrata: Coll. S. Bonaventurae, 2002, p. 121-170.

<sup>76</sup> L.S.A., f 14vb -15 ra: “(...) sic surgent pseudochristi et pseudochristus contra electos, sicut Annas et Caiphas pontifices insurrexerunt in Christum. Erunt ergo tunc tormenta intensive maiora, tempore autem paganorum fuerunt extensiva pluriora: nam plusquam per ducentos annos duraverunt.”

<sup>77</sup> *Espelho da Perfeição*, cap. 71, Interpolação, 1-8. In: FONTES Franciscanas, *cit.*, p. 1067-68.



(...) o que quer dizer que <o> possuía em plena ação, plena posse e pleno poder, (...) como fica evidente pela Regra que observou e escreveu, como também pelo estado evangélico que instituiu.<sup>78</sup>

A *Regra* não surge de modo casual e abstrato, é o resultado mais profundo de uma vida de ação, posse e poder do Evangelho. Essa parece ser a consideração para sustentar a tese de que a Regra é o instrumento da renovação da Igreja. Ela, tal como foi escrita, é a indicação mais plena e completa de como deve ser a vida no estado evangélico, e ser a forma de vida que institui a Ordem Minorita, que se orienta pelo Evangelho. Assim, Francisco, junto de sua Ordem, é o iniciador do sexto estado.

Além disso, ele é o *exemplo* porque assumiu em sua própria vida e em sua carne todas as consequências da regra evangélica e também da *charitas*. Na sequência do texto este é o ponto tocado para mostrar que Francisco tem na frente o arco-íris que é a marca do sol do “(...) amor visceral (*viscerosa caritas*) de Cristo para nossas misérias inferiores, e aberta como um arco estava íntima e continuamente impressa na mente de Francisco” (... *habuit etiam “irim in capite“*, *id est arcualement refulgentiam solis, quia viscerosa caritas Christi ad nostras inferiores miserias aperta et arcualiter dilatata fuit assidue et intime impressa menti Francisci*).<sup>79</sup>

Reafirma-se aqui a visão cristocêntrica de Olivi acerca da função de Francisco, ele está como o imitador que assume para si a mais profunda experiência da humanidade de Cristo: o amor visceral, portanto, dependente do próprio corpo humano, e de todas as nossas misérias e alegrias.<sup>80</sup> Essas duas marcas são determinantes na interpretação da função de Francisco: pois ele é o imitador na vida e no amor de Cristo, ao qual assemelhou-se ao máximo em assumir as misérias humanas.

Parece claro a Olivi que nenhum outro, além de Francisco, aproximou-se tanto na imitação à Cristo e, por isso, lhe é devida a função na ordem escatológica como o *renovador*. A face de Francisco, na interpretação de Ap. 10,1, Olivi mostra que

‘A sua face era como o sol’, pois, em sua singular contemplação de Cristo e em sua vida evangélica não foi semelhante à lua minguante, nem a uma pequena

---

<sup>78</sup> L.S.A., f. 115va.

<sup>79</sup> L.S.A., f. 115ra.

<sup>80</sup> Sobre a experiência que tem relação com este ponto pode-se conferir o início do *Testamento* de Francisco nas *Fontes Franciscanas e Clarianas*, *cit.*

estrela ou luz noturna, mas semelhante ao sol que ilumina e que incendeia e à luz diurna iluminadora e incendiária.

‘Facies’ etiam ‘eius erat ut sol’, quia in singulari contemplatione Christi et evangelice vite eius fuit non instar lune defective, vel modice stele vel lucis nocturne, sed instar solis et lucis diurne inflammatus et illuminatus e illuminans et inflammans.<sup>81</sup>

Ora, Francisco não é o sol, mas sua face, na contemplação brilha tal como o sol. O sol que é Cristo reluz em Francisco mais intensamente, pois não é um reflexo difuso como o da lua minguante. Há novamente a indicação do alto grau de similitude (concordância) entre a vida de Francisco e o Evangelho. Ao interpretar a passagem das “colunas de fogo”, aparece a representação dos pés dele firmemente postos ao chão, isso porque “(...) não foi somente superior na contemplação, mas também em toda a ação perfeita” (... non solum fuit summus in contemplatione, sed etiam in omni perfecta actione).<sup>82</sup>

Esta comparação conduz a uma interpretação da vida de Francisco, não somente como contemplativo, mas como um homem de ação, ao sentido de seguir seu ímpeto pastoral. Esse parece ser um dos pontos de forte crítica da parte dos Espirituais aos da Comunidade, que teriam deixado enfraquecer a vocação missionária e pastoral ao fixarem-se nas comodidades das propriedades e mosteiros.<sup>83</sup>

O ‘anjo’<sup>84</sup> é o do sexto selo<sup>85</sup>, referido no Apocalipse (Ap 10, 1-3). Francisco é também assim assemelhado ao Anjo, no Capítulo 07 de L.S.A.:

Hic ergo angelus est Franciscus, evangelice vite et regule sexto et septimo tempore propagande et magnificande renovator et summus post Chistum et eius matrem observator, “ascendens ab ortu solis”, id est ab illa vita quam Christum sol mundi in suo “ortu”, id est in primo suo advento, attulit nobis. Nam decem umbratiles líneas orologii Acas Christus in Francisco reascendit usque ad illud mane in quo Christus est ortus (2 Rg 20, 9-11; Is 38, 8).

Portanto, este anjo é Francisco, renovador e o maior seguidor, após Cristo e sua mãe, da vida e regra evangélica que será propagada e estimada no sexto e no sétimo estados. “Ascendeu desde o Oriente”, isto é, desde aquela vida que Cristo, sol do mundo, em seu nascimento, isto é, em sua primeira vinda,

---

<sup>81</sup> L.S.A., f. 115ra-va.

<sup>82</sup> L.S.A., f. 115va.

<sup>83</sup> Pode-se conferir o comentário e a implicações que LEWIS, *cit.*, p. 141, aponta acerca dos pontos condenados e disputas de Olivi com os Conventuais ou da Comunidade.

<sup>84</sup> L.S.A., f. 114vb-115ra (conforme citação acima).

<sup>85</sup> BURR, *cit.*, 1997, p. 48.

concedeu a nós. Portanto, Cristo em Francisco fez voltar novamente<sup>86</sup> os dez graus da sombra do relógio de Acáz, até aquela manhã em que Cristo nasceu.<sup>87</sup>

Segundo Olivi, se Cristo foi o que institui a Idade do Filho, o que Francisco faz é anunciar, tal como o *Precursor*,<sup>88</sup> a Idade do Espírito. Essa função de Francisco deve ser bem entendida.<sup>89</sup> O que Olivi propõe é que Francisco, primeiro, não possui a mesma dignidade de natureza que Cristo e sua mãe. Segundo, Francisco não institui e inicia nenhum modo de vida superior, mas é o *renovator* que aponta para o modo de vida estabelecido por Cristo no Evangelho.<sup>90</sup> O ponto enigmático desse trecho se refere à analogia remetida ao Segundo Livro dos Reis e a Isaías na imagem do retorno nos dez degraus do relógio de Acáz.<sup>91</sup>

Se está consistente a interpretação oferecida aqui, Olivi retoma a imagem do Relógio de Acáz, porque Deus prova que cumprirá o prometido a Ezequiel ao fazer a sombra voltar. E se no tempo de Olivi, a saber, no início da sexto estado da igreja, Cristo faz com que Francisco, pela sua vida evangélica, seja a prova de que o fim dos tempos se realizará, tal como o prometido no sétimo estado. Assim, está é a ‘demonstração’ de que Francisco é o renovador, e não um novo messias, mas somente aquele que por mostrar que é possível viver literalmente o Evangelho. Reestabelece a vida evangélica iniciada por Cristo desde *a manhã de seu nascimento*.

Enfim, se Francisco é o anjo do sexto selo e, tal como está descrito, sua vinda marcará a proximidade do dia solar, a saber, o início da terceira idade geral do mundo. No texto consta: “Subiu assim ‘desde o oriente’, quer dizer próximo ao início do dia solar da sexta e sétima aberturas ou do terceiro estado geral do mundo” (Ascendit etiam ‘ab ortus solis’, id est circa initium solaris diei sexte et septime apertionis seu tertii generalis status mundi.)<sup>92</sup>

---

<sup>86</sup> A tradução literal de “ascendit” seria “reascendeu”. Entretanto, não fica evidente o sentido do texto. Pois parece-nos mais claro dizer que ele fez voltar novamente os dez graus do relógio de Acáz.

<sup>87</sup> L.S.A., f. 86 ra.

<sup>88</sup> Ver SÃO BOAVENTURA, *Legenda Maior*, cit., p. 551.

<sup>89</sup> BURR, cit., 1997, p, 49.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 50.

<sup>91</sup> 2 Reis 20, 9-11: “Isaías respondeu: ‘Eis, da parte de Iahweh, o sinal de que ele realizará o que disse: Queres que a sombra avance dez degraus ou que retroceda dez degraus?’ Ezequias disse: ‘Avançar é fácil para a sombra! Não! Prefiro que ela recue dez degraus!’ O profeta Isaías invocou Iahweh e este fez a sombra recuar os dez degraus que tinha descido nos degraus de Acáz – dez degraus para trás.” Também: Is, 38, 8.

<sup>92</sup> L.S.A., f. 86 ra.

A confiança de Olivi na tese de que a vida de Francisco concorda com a de Cristo estaria bem entrelaçada e fundamentada na Escritura. Entretanto, no Capítulo VII do L.S.A., Olivi remete a uma tradição oral que afirmava a ressurreição de Francisco, em um texto impressionante e sem paralelos, em que ele iria aparecer novamente em uma ressurreição gloriosa como a de Cristo para confirmar a sua pregação e a validade da pobreza evangélica.<sup>93</sup> Essa descrição é uma das pérolas da religiosidade popular dos séculos XIII e XIV, segundo Manselli.<sup>94</sup> O relato de Olivi está baseado em Frei Conrado de Offida,<sup>95</sup> seguidor direto de Frei Leão.<sup>96</sup>

Ele inicia o relato com a ressalva importante: “(...) <descreverei> algo que é consonante com a Escritura, mas que nem afirmo, nem sei, e julgo que nem deva ser asserido” (... quoddam huic scripture consumum, quod nec assero nec scio, nec censeo asserendum).<sup>97</sup> E esse ponto é claro, mesmo que ele inclua em sua L.S.A., ele por si não tem plena convicção que isso deve ser comunicado. Entretanto, se o faz é porque concorda com a Escritura e sua interpretação, pois Francisco em sua vida e regra concorda com a vida e Evangelho de Cristo.<sup>98</sup>

... quod tam per verba fratris Leonis quam per propriam revelationem sibi factam perceperat Franciscum ..., in qua eius status et regula quasi instar Christi crucifigetur, resurget gloriosus, ut sicut in vita e in crucis stigmatibus Christo singulariter assimilatus, sic et in resurrectione Christo assimiletur, necessaria autem tunc discipulis confirmandis et super fundatione et gubernatione future ecclesie informandis.

(...) que tanto pelas palavras de Frei Leão, quanto pela própria revelação em si realizada, percebeu que Francisco (...), em que seu estado e regra se assemelhassem ao Cristo crucificado, ressurgirá glorioso, tal como em sua vida e nos estigmas da Cruz assemelhou-se unicamente a Cristo, e também assim assemelha-se a ressurreição de Cristo, que é necessária de um lado para a confirmação aos discípulos e que <de outro> informa acerca da fundação e direção da futura igreja.<sup>99</sup>

---

<sup>93</sup> LEWIS, *cit.*, p. 147.

<sup>94</sup> Cf. MANSELLI, Raoul. *La resurrezione di san Francesco. Dalla teologia di Pietro di Giovanni Olivi ad una testimonianza di pietà popolare. In. Collectanea Franciscana*, 46, 1976, pp. 309-320. Cf. RUIZ, *cit.*, pp. 213-214.

<sup>95</sup> Alguma informação sobre a relação de Olivi e Conrado de Offida se encontra em RUIZ, *cit.*, p. 17-18; 213-214.

<sup>96</sup> LEWIS, *cit.*, p. 143.

<sup>97</sup> L.S.A., f. 86ra.

<sup>98</sup> BURR, *cit.*, 1997, p. 49.

<sup>99</sup> L.S.A., f. 86ra-86rb.

De fato, a cautela de Olivi em afirmar a ressurreição de Francisco se justifica. E foi, de fato, uma das teses censuradas pois colocava Francisco acima, em grau de dignidade,<sup>100</sup> aos apóstolos que viveram com Cristo.<sup>101</sup> A ressurreição gloriosa de Francisco é o indicativo de que a Igreja carnal deve ser abandonada e que ele aponta para uma nova Igreja, daí ser a *ecclesia spiritualis*. Assim, uma consequência mais ampla que podemos extrair é que a verdadeira Igreja está envolvida na prática evangélica da pobreza referenciada na Ordem Franciscana e na Regra de Francisco, pois aí estaria o Espírito de Cristo *restaurado*.<sup>102</sup>

A Igreja de Pedro deveria ser condenada e ao ser rejeitada seria substituída pela vinda de uma nova Igreja Espiritual, tal como a Igreja de Cristo substituiu a Sinagoga dos judeus.<sup>103</sup> Olivi prediz que a primazia da Igreja Católica de Roma será transferida para a verdadeira *ecclesia spiritualis (nova sponsa)* do sexto e sétimos estágios.<sup>104</sup> O resultado é, como aponta Lewis,<sup>105</sup> que a posição de Olivi, conforme os modelos de seu tempo acerca da natureza da igreja, é herética do ponto de vista escatológico e eclesiológico. Outro fator é que o sétimo estado da Igreja inicia com a morte do Anticristo que chamaria a si de Deus e seria o messias dos Judeus. Este será o início do Juízo Final.<sup>106</sup>

Olivi sugere o sexto e o sétimo estados da Igreja como mais importantes e santos do que foram os cinco primeiros, e isso incluiria a época dos apóstolos e dos Padres. Essa posição foi considerada um erro pelos mestres de Avignon.<sup>107</sup> Além disso, para Olivi, a sabedoria e a verdade da Igreja de Cristo, ao menos a que é revelada no sexto e sétimos estados da Igreja, não foi completamente revelada nos estados anteriores.<sup>108</sup>

---

<sup>100</sup> L.S.A., f. 86rb: “Ut autem resurrectio servi patenti gradu dignitatis distaret a resurrectione Christi et sue matris, Christus statim post triduum resurrexit, et mater eius post quadraginta dies resurrexisse dicitur a quibusdam non omnino spernendis; iste vero post totum tempus sui ordinis usque ad crucifixionem ipsius cruc[i] Christi assimilata et Francisci stigmatibus presignata.”

<sup>101</sup> Cf. VIAN, Paolo. *Tempo escatológico e tempo della Chiesa: Pietro di Giovanni Olivi e i suoi censori*. In: *Atti del Convegno Internazionale del Centro italiano di studi sul basso medioevo*. Todì: 10-12 Ottobre de 1999, p. 174.

<sup>102</sup> LEWIS, *cit.*, p. 141, comenta a consideração de heresia desta posição pelos doutores de Avignon.

<sup>103</sup> LEWIS, *cit.*, p. 139.

<sup>104</sup> *Ibid.*, p. 143.

<sup>105</sup> *Ibid.*, pp. 144-6.

<sup>106</sup> Cf. L.S.A., f. 2vb-3ra.

<sup>107</sup> Olivi assume-se como um admirador da época em que Cristo viveu a suposta plena pobreza com os apóstolos, como o tempo que poderá retornar. Cf. LEWIS, *cit.*, p. 141-2.

<sup>108</sup> LEWIS, *cit.*, p. 143.

#### IV. Considerações finais

Olivi assume claramente a possibilidade de que o *Livro do Apocalipse* ofereça uma leitura multiforme dos tempos e estados, que possibilita encontrar nas ações humanas expressões de distintos estados para compreender a totalidade da história. Essa interpretação está claramente sustentada em três pilares, a saber, a Escritura, a vida terrena de Cristo e a História. Esses pontos são equilibrados pelo princípio da concorrência entre os estados no mesmo tempo e o princípio da concordância múltipla da Escritura com a vida terrena de Cristo, de Francisco e sua Ordem, que possibilita Olivi compreender melhor os eventos históricos não estritamente consoantes com a Escritura.

Por isso, pode-se aqui acrescentar de modo coerente que a sua interpretação e conhecimento da história está intimamente associado ao conhecimento da vida de Francisco e ao desenvolvimento de sua Ordem, junto a toda trama de problemas que a Ordem se envolveu. Nesse sentido, Olivi não é nada conciliador. Ele assume uma postura extrema e radical considerando, acima até mesmo da autoridade papal, o valor da Regra e da vida evangélica como guias que podem conduzir à Salvação.

As considerações provisórias são facilmente percebidas no que se refere a interpretação de diversos elementos relativos à influência de Joaquim de Fiore em Olivi. Saber se Olivi cria um método de interpretação distinto ao joaquimita, que implicaria em considerar os elementos vividos pelo intérprete como relevantes, como foi o caso da interpretação da vida de Francisco e da Ordem, ainda permanece como ponto a ser tratado. Além desse ponto, há a necessidade de marcar, na interpretação oliviana o esquema completo de interpretação do conjunto dos símbolos apocalípticos, a sua visão sobre o estado da Igreja, de seu tempo, e a análise que ele estabelece as relações entre a Igreja Carnal e Espiritual.

\*\*\*

#### Fontes

FONTES Franciscanas e Clarianas. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

OLIVI, Pedro João. *De como devem ser folheados os livros dos filósofos*. Tradução de Luiz Alberto de Boni. *Veritas*, Porto Alegre, 48 (3), 2003, pp. 475-82.

\_\_\_\_\_. *Lectura super Apocalipsim*. Manuscrito Lat. 713. Biblioteca Nacional de Paris. Transcrição de Paolo Vian. Disponibilizado *on line* por Alberto Forni. In: <<http://www.danteolivi.com/Metamorfoosi/pdf/Lectura%20super%20Apocalipsim.pdf>>, 2009.

\_\_\_\_\_. *On Genesis*. Editado por David Flood. New York: Franciscan Institute Publications - St. Bonaventure University, 2007.

- \_\_\_\_\_. *On the Acts of the Apostles*. Editado por David Flood, O.F.M.. New York: Franciscan Institute Publications - St. Bonaventure University, 2001.
- \_\_\_\_\_. *On the Bible: Principia quinque in Sacram Scripturam, Postilla in Isaiam et in I Ad Corinthios*. Editado por David Flood e Gedeon Gál. New York: Franciscan Institute Publications - St. Bonaventure University, 1997.
- \_\_\_\_\_. *De perfectione evangelica*. Marco Bartoli (ed.). In: PETRUS IOHANNIS OLIVI. *Quaestiones de romano pontifice*. Grottaferrata: Coll. S. Bonaventurae, 2002, p. 121-170.
- \_\_\_\_\_. *Quaestio de locutionibus angelorum. Oliviana*. n. 1, 2003, disponibilizado em 31 dezembro de 2003. Acessado em 28 de outubro de 2010. Disponível: <<http://oliviana.revues.org/index18.html>>.
- \_\_\_\_\_. *Quaestiones in secundum Librum Sententiarum*. Vols. I, II, III. Editado por Bernardus Jansen. Roma: Quaracchi - Collegium S. Bonaventurae, 1922-26.
- SÃO BOAVENTURA. *Legenda Maior*. In: FONTES Franciscanas e Clarianas. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

## Bibliografia

- ARAN, Francesca A. *Revelation, Book of*. In: VANHOOZER, Kevin J. (ed.); Craig G. Bartholomew; Daniel J. Treier; Nicholas T. Wright (eds. ass.). *Dictionary for theological interpretation of the Bible*. London: Baker Book House Company, 2005.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BURR, David. *Mendicant Readings of the Apocalypse*. In: EMMERSON, Richard K.; MCGINN, Bernard. *The Apocalypse in the Middle Ages*. New York: Cornell University Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. *L'histoire de Pierre Olivi*. Paris: Editions Universitaires de Fribourg - Cerf, 1997.
- \_\_\_\_\_. *The Spiritual Franciscans: From Protest to Persecution in the Century after Saint Francis*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2001.
- DE BONI, L.A. *Pedro de João Olivi: De como devem ser folhados os livros dos filósofos*. In: DE BONI, L. A.; PICH, R. H. *A recepção do pensamento greco-romano árabe e judaico pelo Ocidente Medieval*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 537-552.
- \_\_\_\_\_. *A entrada de Aristóteles no Ocidente Medieval*. Porto Alegre: Est Edições, 2010.
- \_\_\_\_\_. *De como devem ser folhados os livros dos filósofos*. Veritas, Porto Alegre, v. 48, n. 3, 2003.
- FALBEL, Nachman. *Os espirituais franciscanos*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- LEWIS, Warren. *Peter John Olivi, Author of the Lectura super Apocalipsim: was he heretical?* In: PIRON, Sylvain; BOUREAU, Alain. *Pierre de Jean Olivi (1248-1298). Pensée scolastique, dissidence spirituelle et société*. Paris: Vrin, 1999, pp. 135-156.
- LIMA, Marinalva Silveira. *Pedro João de Olivi e a questão da pobreza evangélica franciscana*. *Revista Angelus Novus*, n. 1, agosto de 2010, pp. 31-52.
- MANSELLI, Raoul. *La resurrezione di san Francesco. Dalla teologia di Pietro di Giovanni Olivi ad una testimonianza di pietà popolare*. In. *Collectanea Franciscana*, 46, 1976, pp. 309-320.
- \_\_\_\_\_. *La Lectura super Apocalipsim di Pietro di Giovanni Olivi - ricerche sull' escatologismo medioevale*. Roma: Sede dell'Istituto, 1955.
- PIRON, S. *Michael Monachus. Inquisitoris sententia contra combustos in Massilia. Oliviana (en ligne)*, 2, 2006 (mis en ligne le 27 juin 2006, Consulté le 16 février 2012). URL: <<http://oliviana.revues.org/index33.html>>.
- RATZINGER, Joseph. *San Bonaventura. La teologia della storia*. Ed. italiana a cura di L. Mauro. Assis: S. Maria degli Angeli, 2008.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. *Joaquim de Fiore: trindade e nova era*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica e leitura da história em Joaquim de Fiore. Veritas*. Porto Alegre: v.43, n. 3, 1998, pp. 513-523.
- RUIZ, Carlos Mateo. *Pedro de Juan Olivi: opúsculos*. Córdoba: Ed. de la Universidad Católica de Córdoba, 2005.
- SOUZA, José Antônio de C. R. de. *Pedro de João Olivi (1248-1298) e suas concepções a respeito da história e da cristandade. Fragmentos de Cultura*. Goiânia, v. 10, n. 05, set./out. de 2000, p. 987-1008.
- VIAN, Paolo. *L'opera esegetica di Pietro di Giovanni Olivi. Archivum Franciscanum Historicum*. n. 91, 1998, pp. 395-454.
- \_\_\_\_\_. *Tempo escatológico e tempo della Chiesa: Pietro di Giovanni Olivi e i suoi censori*. In: Atti del Convegno Internazionale del Centro italiano di studi sul basso medioevo. Todi, 10-12 Ottobre de 1999, pp. 137-183.